

IMPRESSO

CONTRATO Nº 3956791  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

DF

L . E . T . R . A . S

Câmara Legislativa do Distrito Federal  
Ano II - Nº 21 a 22

Suplemento Cultural  
1995

02 MAR 1995  
ADVERTÊNCIA  
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



é... boi!

: I m a n t e d e T e d e r :

Quem é Diacuí? E a revista *O Cruzeiro* ainda circula nas bancas? Diacuí, a índia que veio da ilha do Bananal em Goiás, já morreu, e a revista que tanto marcou a vida nacional já não existe mais.

Mas qual o porquê dessas perguntas? É que essas personagens povoaram por muito tempo, lá pelos anos cinqüenta, as conversas nas esquinas e até nas alcovas. A história foi buscada lá do fundo do baú pelo escritor, poeta e pesquisador Danilo Gomes.

# Diacuí

(Ao cronista  
Aécio Amado)

■ DANILO GOMES

Quem orça hoje, como eu, pela casa dos cinqüent'anos, e lia a revista *O Cruzeiro*, do inovador e criativo Assis Chateaubriand, lembra-se, certamente, do nome quase mítico e lendário da índia Diacuí, da tribo calapalo.

Aquela história, para nós, meninos, e mesmo para os adultos, no tradicionalista interior mineiro, era um assombro: o casamento de uma índia, de uma remota etnia, com um branco, funcionário do Serviço de Proteção ao Índio-SPI, Ayres Câmara da Cunha. O romance foi uma novela, que agitou a opinião pública nacional.



*"Rosto largo,  
sorriso  
cativante,  
era bonita e  
muito  
simpática"*

*Ilustrações baseadas em desenhos do livro  
"A viagem pitoresca e histórica" de  
Jean Baptiste Debret, volume I*

Corria o mês de dezembro de 1952 e o *Velho Capitão* Chatô, na sua febre de tudo fazer e acontecer, e após uma série de reportagens de enviados especiais ao Xingu, apadrinhava o casamento da índia sorridente com o sertanista "boa pinta".

O caso é que Ayres, depois de viver trinta anos com a tribo calapalo, apaixonou-se pela princesa Diacuí, filha do

**Antonio José (Cafu) (PT)**



*A cultura popular é uma das mais ricas manifestações de brasilidade. Ela mostra, em detalhes, a origem da nossa formação: somos um povo originário de várias regiões do planeta e, portanto, carregamos informações culturais que exibem esta diversidade. O bumba-meu-boi, que tem raízes na mãe África, é um desses típicos exemplos de nossa origem cultural. As cavalhadas - espetáculo tradicional aqui no Centro-Oeste brasileiro -, também tem origem na África, com as tradições mouras. A pluralidade de nossa formação mostra como soubemos aproveitar o que de melhor existe nas manifestações culturais dos povos.*

**Manoel de Andrade (PMDB)**



*Durante uma semana, na primeira quinzena de novembro, voltou a acontecer o Festival de Cinema de Brasília. É um evento todo especial para a cidade e, sobretudo, para o cinema brasileiro. O festival, uma tradição que virou referencial da produção cinematográfica brasileira - uma espécie de termômetro do que está sendo realizado ou não no setor - é também uma oportunidade de agitação cultural na cidade. Independente da facção política que esteja à frente do Governo do Distrito Federal, o Festival de Cinema é sempre um período importante e bem-humorado em Brasília.*



*“Tudo parecia uma história com final feliz, como nos velhos filmes de Hollywood”*

cacique Komatz. Rosto largo, sorriso cativante, era bonita e muito simpática.

O Serviço de Proteção ao Índio negou permissão para que o guapo Ayres se unisse à índia, alegando que o casamento seria uma violência cultural contra ela. Era o parecer dos precavidos técnicos do SPI. Chateaubriand, então, entrou na dança: resolveu patrocinar o casório, divulgando o romance e, por fim, levando os noivos, em seu Cadillac conversível, até a Igreja da Candelária, no Rio, para as bênçãos cerimoniais.

Tudo parecia uma história com final feliz, como nos velhos filmes de Hollywood, que a gente via no Cine-Teatro Central, do Sr. João Trópia (lembra-se, Décio, lembra-se, Marilda?). Mas não foi assim que estava escrito no grande livro do Destino. Diacuí morreria dez meses depois do cinematográfico casamento, durante o parto, numa clínica do Rio de Janeiro. A filha recebeu o mesmo nome da mãe famosa.

Passaram-se os anos, muitos anos. Diacuí tornou-se uma sombra do passado, de volta aos mistérios do Xingu. O tempo, implacável, fabricou novos ídolos, novas estrelas, outras histórias novelescas. De minha parte, pensei até que o bravo sertanista Ayres já não estivesse no mundo dos viventes. Mas está vivo, felizmente, neste mês de março do ano da graça de 1995. 43

anos depois de seu casamento com a doce princesa indígena, flor dos calapalos. Segundo o jornal gaúcho *Zero Hora*, de Porto Alegre, edição de 17 de março, ele se sente orgulhoso de ter sido o primeiro homem branco a casar-se, legalmente, com uma índia, no Brasil. O sorriso ingênuo e bonito da princesa da floresta jamais se perdeu na lembrança do velho gaúcho que um dia viveu uma aventura singular.

Há tempos, em homenagem à personagem que *O Cruzeiro* alçaria à condição de estrela, ergueu-se, em bronze, um monumento com a sua figura, no Alto Xingu, às margens do célebre Rio Kuluene. O sonho do sertanista apaixonado é transferir esse monumento para a cidade gaúcha de Livramento, onde ele mora, com a idade de oitenta anos. Esse feito será - diz Ayres - a derradeira obra de sua vida. O velho viúvo está tentando, junto à Força Aérea Brasileira-FAB, trazer a escultura de Diacuí, lá do fundo da floresta encantada, para perto de si. Quer ter a figura de sua amada bem perto de suas mãos e de seu coração, na hora inevitável da cerimônia do adeus final.